



MEIOS DIGITAIS E INDÚSTRIAS CRIATIVAS
OS EFEITOS E OS DESAFIOS DA GLOBALIZAÇÃO

ATAS

EDITORES

- José Azevedo
- Moisés Lemos Martins

SOPCOM
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO



Organização

SOPCOM / Centro de Estudos das Tecnologias e
Ciências da Comunicação (CETAC.Media) /
Universidade do Porto

Apoios:

agência INOVA

media XXI



CIVITAS
FCT



FCT
Fundação de Amparo à
Resquisa Científica

Associação Portuguesa de Ciências da
Comunicação (SOPCOM)

ATAS

7º Congresso da SOPCOM

MEIOS DIGITAIS E INDÚSTRIAS CRIATIVAS – OS EFEITOS E OS DESAFIOS DA GLOBALIZAÇÃO

EDITORES

JOSÉ AZEVEDO

MOISÉS LEMOS MARTINS

15 a 17 de Dezembro de 2011

Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da
Comunicação (CETAC.MEDIA)

Faculdade de Letras
Universidade do Porto

FICHA TÉCNICA:

EDITORES

JOSÉ AZEVEDO

MOISÉS LEMOS MARTINS

ISBN 978-972-8932-91-6

Ano: 2012

Presidente do Congresso

Moisés de Lemos Martins

Comissão Científica

Américo de Sousa	Helena Lima	Nuno Moutinho
Ana Soares	Helena Pires	Óscar Mealha
Anabela Carvalho	Helena Sousa	Paula Espírito Santo
Anibal Alves	Isabel Ferin	Paulo Faustino
António Fidalgo	João Correia	Paulo Frias
António Machuco	Jorge Pedro Sousa	Paulo Serra
Amando Malheiro	José Azevedo	Paquete de Oliveira
Artur Pimenta Alves	J Bragança Miranda	Pedro Braumann
Bruno Giesteira	José Luís Garcia	Rogério Santos
E. Cintra Torres	José Viegas Soares	Rosa Cabecinhas
Fausto Amaro	Madalena Oliveira	Rui Cádima
Felisbela Lopes	Manuel Damásio	Rui Centeno
Fernanda Ribeiro	Manuel Pinto	Rui Novais
Fernando Ramos	Maria Augusta Babo	Sandra Pereira
Francisco Costa	Maria Borges	Sara Pereira
Pereira	Moisés de Lemos	Tito Cardoso e Cunha
Heitor Alvelos	Martins	
Helder Bastos	Mirian Tavares	

Comissão Organizadora

José Azevedo (Coordenador)	Moisés de Lemos Martins
Bruno Giesteira	Nuno Moutinho
Helena Lima	Paulo Frias
Madalena Oliveira	Rui Novais
Manuela Pinto	Sérgio Nunes

Secretariado e serviço de Apoio

Catarina Marques

Mensagem do Presidente do Congresso

Caros associados das Ciências da Comunicação e demais investigadores,

Vamos realizar na Universidade do Porto, de 15 a 17 de Dezembro, o nosso VII Congresso, tendo por tema as indústrias criativas e a sua relação com os média digitais.

É uma grande alegria e uma felicidade de que me orgulho muito, presidir a uma associação científica que mantém vivas e actuais todas as promessas de se poder estabelecer na comunidade científica nacional como uma das mais sólidas associações das Ciências Sociais e Humanas, não apenas em termos científicos, mas também em número de sócios. O facto de já no ano em curso se ter constituído o "Grupo de Trabalho Jovens Investigadores da SOPCOM", com cerca de uma centena de associados, sobretudo doutorandos, demonstra as potencialidades da nossa área científica, enquanto associação viva e actuante, virada para o futuro, assim reforçando o nosso sonho.

Dizia Musil que num tempo em que toda a gente se sente autorizada a agir como comerciante não podemos deixar de falar como idealistas. E que bem que o tema proposto para o nosso Congresso se conjuga o aforismo de Musil! Quando se trata de indústrias criativas, a toda a gente começa a fugir o pé para o mercado, para o negócio electrónico, para a e-economia, para a gestão do mercado, e mesmo para a influência no mercado global. Todos parecem agir como comerciantes. Mas ao introduzir o tema da relação das indústrias criativas com os média digitais, o nosso Congresso desloca o debate, no sentido de um recentramento cultural destas indústrias, dado que os média digitais têm hoje um papel decisivo na reconfiguração do rosto da cultura, o que quer dizer, na reconfiguração do rosto do humano.

Já na contagem decrescente para o Congresso, espero, sem dúvida, uma grande presença dos sócios. É esse o apelo que faço, esperando a largueza do debate científico que nos caracteriza, motivados pelos elevados designios da grande associação que somos.

Para atingir esta abrangência, contamos com uma longa lista de convidados e participantes, que partilharam connosco as suas experiências e reflexões. Vindos de diversas áreas, e de diferentes pontos do espaço lusófono e ibero-americano, com diferentes formações e percursos, os seus contributos e análises permitiram-nos ter uma visão mais global e complexa sobre a comunicação.

No final, pensamos que conseguimos uma edição de sucesso, em que todos aprenderam, todos participaram e todos contribuíram para fazer crescer a comunidade de ciências da comunicação em Portugal.

Os editores

José Azevedo

Moisés Lemos Martins

ÍNDICE

COMUNICAÇÃO E POLÍTICA

Os “pequenos partidos” no espaço público mediático: as Eleições Legislativas de 2011 <i>Ricardo Morais e João Sousa</i>	1
As Eleições Legislativas, seus intervenientes e categorias de notícias, no espaço de campanha eleitoral nos Telejornais da Televisão Generalista Portuguesa <i>Nuno Goulart Brandão</i>	16
As grandes temáticas dos debates televisivos dos candidatos à Presidência da República, em 2011 – um estudo comparativo <i>Ana Sofia Maciel, Ana Mendes e Marta Afonso</i>	36
O ‘olhar estrangeiro’ na Era da Internet: uma análise da cobertura mediática do jornal Público sobre as eleições presidenciais brasileiras <i>Carolina Martins Duarte</i>	80
Dominantes e ausentes: fontes de informação na cobertura da campanha presidencial de 2011 <i>Diogo Ribeiro</i>	95
Análise comparativa da cobertura jornalística dos discursos presidenciais (vitória e tomada de posse) dos dois últimos Presidentes da República Portuguesa reeleitos <i>João Miguel Aguiar e Luciana Carvalho da Silva</i>	133
Estratégias eleitorais online – o caso das Presidenciais Portuguesas de 2011 <i>Diana Alves Andrade</i>	155
Os New Media e Web Campaign na Comunicação Política <i>Maria João Cruz Barbosa, Paula Bela Lopes e Joana Maria Terra da Motta</i>	172
As redes sociais nas eleições presidenciais de 2011 – uma perspectiva comparada <i>Nuno Jose da Costa Gouveia</i>	190
Análise estratégica de comunicação política nas eleições presidenciais portuguesas de 2011 <i>Mafalda Alexandra Lobo</i>	218
Novos media e participação política <i>Joaquim Paulo Serra</i>	233
Marketing Político na Era Digital <i>Jorge Bruno Costa Ventura</i>	263
Comunicação política e as Novas Indústrias da Persuasão <i>Rosália Isabel Duarte Rodrigues</i>	280

Opinião Pública, mídia e líderes de opinião: um estudo exploratório sobre a influência dos média e dos líderes de opinião na formação da Opinião Pública <i>Miguel Midões</i>	323
12 de Março de 2011: que "causas" suportam as redes sociais"? <i>João Carlos Correia</i>	335
Competências em comunicação na atuação política de organizações da sociedade civil <i>Jussara Borges, Othon Jambeiro e Lídia Oliveira</i>	360
Os novos caminhos da profissionalização da política: um olhar sobre a realidade portuguesa <i>Francisco Carvalho Vicente</i>	377
As redes sociais e o agenciamento dos sujeitos <i>Marta Regina Maia e Thales Vilela Lelo</i>	394
Crises humanitárias, os media e a política externa <i>Cláudia Joaquina Machado Cruz</i>	409
As Políticas e Práticas Culturais e a Rede Nacional de Teatros e Cine Teatros <i>Maria João Anastácio Centeno</i>	432
A corrupção e os escândalos político-financeiros na Charge <i>Rafael Alves Martins</i>	443

ECONOMIA E POLÍTICAS DA COMUNICAÇÃO

Serviço Público de Televisão na Era Digital: Qual o Modelo mais adequado na Plataforma Internet? <i>Mário Rui Miranda</i>	460
A TV digital no Brasil e a multiprogramação na TV cultura na perspectiva da economia política da comunicação <i>Vivianne Lindsay Cardoso e Juliano Maurício de Carvalho</i>	480
Sociedade e Economia do Conhecimento: Análise dos Programas de Governo (2002-2011) <i>Maria João Antunes</i>	497
Economia Colaborativa, geração de valor a partir das redes digitais <i>Dora Kaufman</i>	517
Discurso mediático e metáfora da crise no Mercado financeiro. Concetualizações metafóricas e semióticas da crise na imprensa portuguesa <i>Juliana Mello Souza</i>	533

ESTUDOS FÍLMICOS

A Essência Fílmica: da Lanterna Mágica aos PPs <i>Vitor Manuel Reia-Baptista</i>	548
Deleite no obsoleto: o hype vintage da estereoscopia <i>Filipe Soares Branco da Costa Luz</i>	557
A animação em cinema e televisão: diferenças tecnológicas e semânticas na análise dos dois modelos <i>Marta Madureira e Ana Catarina Silva</i>	573
O Movimento desfragmentado da Animação Japonesa: A ilusão animé <i>Filipe Soares Branco da Costa Luz</i>	597
A linguagem do documentário e as novas tecnologias: uma reflexão sobre vídeos produzidos por telemóveis <i>Ana Paula Silva Oliveira</i>	612
Documentário com características interactivas <i>Teresa Gouveia e Maria João Antunes</i>	627
As relações entre cinema e performance no cinema brasileiro contemporâneo <i>Walmeri Ribeiro</i>	657
O Social, o Visual e o Privado no Cinema Chinês <i>Emília Colos Piedade</i>	668
Psicogeografias da cidade de Hong Kong: In the mood for love <i>Bruno Mendes da Silva</i>	674
Quando a guerra se torna imagem: a produção de (in)visibilidades nas ficções cinematográficas sobre a Guerra do Iraque <i>Roberto Robalinho Lima</i>	682
Guinada subjetiva e memória no Cinema Latino-Americano. Uma análise de Restos, de Albertina Carri <i>Sabrina da Silva Tenório Luna</i>	696
Que fazer com esta herança? - (Propostas de Itinerário para o Cinema Português) <i>Nélson Agostinho Araújo</i>	708
Janus bifronte: o Meu Caso, de Manoel de Oliveira <i>Ana Isabel Soares</i>	719
Acto de filmar: dois cineastas tão distintos, Perrault e Costa <i>Edmundo Cordeiro</i>	728
A presença das vanguardas históricas no cinema ibérico do período entre-guerras: Buñuel e Oliveira <i>Mirian Tavares</i>	736



As Políticas e Práticas Culturais e a Rede Nacional de Teatros e Cineteatros¹

Maria João Centeno²

Resumo: Partindo de uma teoria da comunicação que propõe a existência de indivíduos capazes de discurso e acção e que coordenam, na e pela linguagem, as suas acções não de forma isolada, mas por expectativas de comportamento intersubjectivamente válidas, o presente trabalho examina as opções programáticas das organizações que compõem a Rede Nacional de Teatros e Cineteatros para averiguar se impulsionam movimentos que injectam, na vida política, valores que dizem respeito às relações dos indivíduos com o meio e entre si e assim contribuem para ultrapassar a reificação das práticas comunicacionais que tem ameaçado o Mundo da Vida, o espaço do mútuo respeito e da compreensão. A pesquisa desenvolvida mostra como alguns equipamentos, ao dinamizar espaços privilegiados de debate e confronto argumentativo de ideias, promovem uma relação dialógica, baseada em acções comunicacionais, na coordenação dos planos de acção das partes envolvidas e assim cumprindo o objectivo de uma vinculação fluida, construída espacial e discursivamente, com a comunidade local.

Palavras-chave - redes culturais; acção comunicacional; políticas públicas

Abstract: From a communication theory that proposes the existence of individuals, who are capable of speech and action and who coordinate their actions, in and through language, not in an isolated manner, but rather by expectations of behavior intersubjectively valid, this article examines programmatic options of the organizations that belong to the Portuguese Network of Theatres with the purpose of seeing if they drive movements that inject, in political life, values that concern the relations of individuals with the environment and between themselves and thus contribute to overcome the reification of communicative practices that has threatened the Lifeworld, the space of mutual respect and understanding. The research carried out shows how some equipment, boosting privileged spaces of debate and argumentative confrontation of ideas, promote a dialogical relationship, based on communicative action, while coordinating actions of the involved and thus fulfilling the purpose of a fluid bind, constructed through space and speech, with the local community.

Keywords - cultural networks; communicational action; public policies

¹ Trabalho apresentado no GT – Comunicação e Política do VII Congresso SOPCOM, realizado de 15 a 17 de Dezembro de 2011.
² Doutorada em Ciências da Comunicação. Professora na Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.
Email: mcenteno@escs.ipl.pt

Introdução

A Rede Nacional de Teatros e Cineteatros, lançada em 1999 no âmbito da política cultural desenvolvida pelo XIII Governo Constitucional, tem por objectivo dotar as capitais de distrito de Portugal Continental com salas de espectáculo, favorecendo o acesso de todos os cidadãos aos valores e bens culturais. Este é um exemplo de uma medida do poder central para impulsionar a descentralização da oferta de bens culturais, pressupondo que as autarquias passariam, decorrido o processo de reformulação ou construção dos equipamentos, a assegurar o seu funcionamento.

O sucesso deste programa de origem e enquadramento nacional fica dependente da acção das Câmaras Municipais. São elas que definem o modelo de gestão do equipamento e financiam nomeadamente a programação e todas as restantes despesas inerentes ao seu funcionamento, na tentativa de impulsionar o desenvolvimento das próprias cidades que têm vindo a recorrer à lógica da criação artística como elemento de distinção.

Da dinâmica que caracteriza a relação destas organizações com os respectivos públicos emerge uma figura, o programador, o configurador e grande arquitecto do actual panorama cultural. É sobre ele que recai ou deveria recai a autoria das propostas programáticas, constituindo-se como o responsável pela intermediação entre a organização e os outros agentes, sejam eles artistas ou espectadores; ou, na expressão de Howard Becker, ele é o criador de um *art world* a partir das relações recíprocas que estabelece. A familiaridade com o campo cultural confere-lhe o direito de discernir o legítimo do ilegítimo, bem como produzir ‘discursos autorais’.

O objectivo do programador é sempre, em última instância, persuadir os outros de ter realizado a escolha certa e adequada às características do equipamento e de onde ele se enquadra. Ao dirigir-se aos outros implica-se num acto de reconhecimento animado de alguma intencionalidade: os outros estão a ser colocados na direcção das suas propostas.

É então da sua responsabilidade proporcionar uma fruição crítica, no sentido de propor não só criações artísticas mas também formas de aproximação aos bastidores da criação e às condições de concepção dos espectáculos para assim poder contribuir para a dinamização de espaços privilegiados de debate e confronto argumentativo de ideias que alarguem o horizonte de expectativas dos participantes.

Através da análise das propostas programáticas correspondentes aos três primeiros anos de actividade de cada um dos equipamentos e das entrevistas aos programadores dos equipamentos que compõem a rede foi possível verificar se as relações estabelecidas consistem em vínculos disruptivos ou, pelo contrário, vínculos fluidos que resultam da coordenação da acção das partes envolvidas não de forma isolada, mas por expectativas de comportamento intersubjectivamente válidas.

Práticas dialógicas

A coordenação das acções dos implicados acontece pelo sentido que subjectivamente atribuem à acção e que depende, nas palavras de George Herbert Mead, da 'adopção da atitude do outro', de actuar em relação a si, tal como em relação a outros. "Isto requer o aparecimento do outro no eu, a identificação do outro com o eu, a obtenção da consciência de si através do outro" (MEAD, 1934, p. 271).

Foi este o vector que caracterizou a pesquisa desenvolvida em doze equipamentos³ que ao longo da primeira década do século XXI se consolidaram como equipamentos de gestão municipal realizando o objectivo de dotar as capitais de distrito com salas de espectáculo. A investigação realizada pretendia averiguar que tipo de relação se estabelece entre essas diferentes organizações culturais e os seus públicos, nomeadamente no que diz respeito à política de formação de públicos (peça-chave na produção de políticas culturais públicas) e em que medida o tipo de relação estabelecida pode contribuir para ultrapassar a reificação das práticas comunicacionais que tem ameaçado o Mundo da Vida, o espaço do mútuo respeito e da compreensão, o 'terreno do imediatamente familiar'. Através dos fóruns de discussão promovidos pelas organizações é possível revitalizar o espaço público, tal como, no séc. XVIII, um conjunto de cidadãos desenvolveu o sentido crítico e a competência argumentativa através da participação em actos de tornar público. Esta prática constitui-se, segundo a

³ Apesar de Portugal Continental contar com 18 distritos, da pesquisa foram excluídas 6 capitais: Lisboa "não foi identificada como cidade carenciada e, de facto, dispõe de equipamentos culturais, nacionais ou privados em bom estado de conservação e em actividade" (SILVA, 2004^a, p. 245), Viseu e Évora, por terem, desde meados da década de 90 do século passado, Centros Regionais de Artes e Espectáculo, Coimbra (o equipamento construído acabou por ser cedido a uma companhia de teatro e a participação camarária cinge-se a oito espectáculos por ano), Porto (o equipamento remodelado ficou afecto ao Teatro Nacional S. João e como tal está na dependência directa do Ministério da Cultura) e Setúbal (o Fórum Municipal Luisa Todi encontra-se encerrado para obras com conclusão prevista para o início de 2011; no entanto, a obra está a ser realizada sem financiamento público, o que justifica a sua exclusão do universo deste trabalho).

proposta de Jürgen Habermas, como a referência ideal do uso público e crítico da razão, em que a partir de razões invocadas e da força do melhor argumento, o indivíduo é livre de fazer a sua escolha tendo em vista o entendimento. O discurso racional constitui-se como o último reduto de toda a justificação possível e a argumentação sai revalorizada como prática que nos 'convence' da verdade de enunciados problemáticos e do público como instância crítica, ou seja, do que podemos aceitar publicamente de forma racional. A racionalidade manifesta-se na interacção comunicacional e é um efeito da dinâmica imposta pela interacção.

Assumindo que a meta das políticas culturais é

"desenvolver e manter uma esfera pública cultural com organizações e esquemas de subsídio que optimizem a possibilidade de as experiências do indivíduo e a prática social dos cidadãos se expressarem culturalmente através da arte, estética e outras expressões simbólicas" (DUELUND, 2002, p. 18),

então a prática das organizações culturais só pode ser perspectivada de forma participativa, a relação entre as organizações e os públicos não pode ser de carácter instrumental, mas dialógica, baseada na intersubjectividade do mútuo entendimento estabelecido linguisticamente; o que quer dizer que as práticas programáticas da organização afectam mas também são afectadas por um conjunto de intervenientes, intervenientes esses que se transformam em públicos quando se tornam conscientes e activos porque reconhecem uma situação, se envolvem nela e sentem que têm condições de agir face a essa situação, logo os públicos são definidos em função dos níveis de interesse pelos assuntos. O que une e mantém reunidos os membros de um público é a comunhão de ideias partilhadas e, acima de tudo, a consciência dessa comunhão.

Tal como Habermas salienta, o processo da vida social nem sempre tem como suporte actividades que possam ser descritas como actos comunicacionais,

"aquelas manifestações simbólicas (linguísticas e não-linguísticas) com que os sujeitos capazes de linguagem e acção estabelecem relações com a intenção de entender-se sobre algo e coordenar assim as suas actividades" (HABERMAS, 1982a, p. 453).

O processo de integração social nem sempre se funda em actos que pressupõem um acordo intersubjectivo, em que o consenso é obtido, não à partida, mas através do uso argumentativo da própria linguagem.

No entanto, o facto de os indivíduos participarem em determinado tipo de actividades e se referirem a elas reflexivamente, coloca-os no sentido do entendimento, já que ao apoiar as suas decisões em interpretações, vai chegar o momento em que têm de defendê-las perante outrem e alcançar um acordo.

Os Serviços Educativos das organizações cumprem a dimensão política destas organizações, que não se limitam a apresentar espectáculos, mas são antes agentes activos na esfera pública cultural; através deles, a recepção das obras não se limita ao consumo ocasional de produtos-já-feitos, na medida em que ao permitir acompanhar, 'por dentro', as condições e os processos de produção cultural, os bastidores, as técnicas, os ensaios, no fundo ao questionar as dimensões das obras redimensionam o sistema de referências dos intervenientes, exponenciando os prazeres de fruição das propostas. O cenário da interacção assim montado é responsável por incentivar uma prática dialógica que enriquece a capacidade de escolha, por preconizar acções orientadas para o entendimento, acções comunicacionais que correspondem à reciprocidade entre 'ego' e 'alter'.

Estas acções não só dependem da inteligência, como saíam afectadas na falta de sentimentos e emoções. Habermas distingue três racionalidades: a cognitivo-instrumental, a prático-moral e a expressivo-estética e é sua intenção fazer notar que a complexidade da razão não pode ser descuidada, na medida em que as questões da verdade têm de ser integradas com as questões da justiça e estas por sua vez com as questões do gosto, o que é realizado através da acção orientada para a intercompreensão. A exclusiva concentração em um único aspecto de validade, e a exclusão, por exemplo, dos aspectos de verdade e justiça, pode ser dissolvida se a experiência estética for absorvida pela vida quotidiana. Não se trata da proposta de uma razão por oposição ao sentimento, mas do primado da escolha, no sentido de que emana da paixão e da vontade, situadas no interior da razão, o que leva Idalina Conde a defender: "o gosto pode passar por uma fruição (sensitiva) que sobredetermina ou compensatoriamente substitui, a inteligibilidade (racionalizante)" (CONDE, 1998, p. 96).

Logo, a função educacional que os Serviços Educativos desempenham é afectiva, e não só cognitiva, tendo em conta que a comunicação afectiva ajuda os indivíduos a pensar reflexivamente sobre as situações que compõem o seu Mundo da Vida.

Resultados

A pesquisa realizada junto das organizações que compõem a Rede Nacional de Teatros e Cineteatros⁴ (que incluiu a análise da programação maioritariamente desenvolvida entre os anos 2004 e 2008, bem como das entrevistas aos responsáveis pela programação de cada equipamento), mais de dez anos volvidos sobre o seu lançamento, mostra que existem equipamentos que se constituem exclusivamente como espaços de apresentação em vez de agentes activos no campo cultural, naquele que se pretende um espaço social de interacção em que coabitam diferentes posições. Bourdieu salienta:

"qualquer posição actual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes" (BOURDIEU, 1989, p. 135).

O que está em causa quando se gere um equipamento cultural é precisamente quais as variáveis tidas como pertinentes! Os programadores desenvolvem a sua actividade segundo o volume global do capital que possuem e segundo o peso relativo das diferentes espécies de capital que também possuem, o que determina uma aposta em propostas mais ou menos arriscadas, uma maior ou menor preocupação com o grau de internacionalização, com a diversificação dos públicos ou com questões cívicas. Daí que "o campo das posições seja metodologicamente inseparável do campo das tomadas de posição, entendido como o sistema estruturado das práticas e das expressões dos agentes" (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, p. 80-1).

Quando o programador acumula nas suas funções a responsabilidade pelo Serviço Educativo (casos do Theatro Circo em Braga, Teatro Municipal de Bragança e Teatro Municipal de Vila Real), quando pouco interfere no campo cultural porque as suas propostas se limitam a seleccionar e não a produzir ou co-produzir eventos (casos do Cineteatro Avenida de Castelo Branco e Teatro Sá da Bandeira em Santarém em que a percentagem de eventos seleccionados e em situação de acolhimento ronda os 90% e do Teatro Sá de Miranda em Viana do Castelo em que ronda os 99%), quando entende o trabalho com os agentes locais como a cedência de espaços (casos do Centro de Artes

⁴ Desta rede fazem parte o Teatro Aveirense, o Pav. Julia, Teatro Municipal de Beja, o Theatro Circo de Braga, o Teatro Municipal de Bragança, o Cineteatro Avenida de Castelo Branco, o Teatro Municipal de Faro, o Teatro Municipal da Guarda, o Teatro José Lúcio da Silva em Leiria, o Centro de Artes do Espectáculo de Portalegre, o Teatro Sá da Bandeira em Santarém, o Teatro Municipal Sá de Miranda em Viana do Castelo e o Teatro Municipal de Vila Real.

do Espectáculo de Portalegre e Teatro Municipal de Vila Real), quando o envolvimento dos públicos se circunscribe a dar a conhecer o conjunto de actividades propostas é a concepção administrada de cultura que vinga.

E é nestas circunstâncias que, tal como Adorno e Horkheimer (1944) sublinharam, a cultura se transforma numa esfera de satisfações vazias responsável pela participação ilícita dos consumidores para a sua própria vitimação e pela falta de oportunidades de participar racionalmente no processo de satisfação das necessidades.

São casos em que a democratização cultural é entendida simplesmente como o processo de facilitar o acesso a bens culturais, no entanto tornar acessível não implica automaticamente uma apropriação activa por parte dos indivíduos. O Cineteatro Avenida de Castelo Branco, o Teatro Sá da Bandeira em Santarém e o Teatro Sá da Miranda em Viana do Castelo são exemplos de espaços públicos desvirtuados na medida em que se cumpre o consumismo cultural em detrimento de uma experiência acumulada, já que a dependência em relação ao sistema político-administrativo das próprias autarquias interfere no processo de integração social simbolicamente estruturado. A sujeição aos meios orçamentais das Câmaras, a dependência de orientações políticas que submete a actuação destes equipamentos a uma lógica político-eleitoral e a consequente autonomia relativa para programar desvirtuam o conceito de serviço público e limitam a possibilidade de estarmos perante equipamentos a funcionar profissionalmente.

Conclusões

Esta pesquisa também mostrou que algumas actividades propostas por outros equipamentos promovem efectivamente acções comunicacionais, em que esses equipamentos estão a dar a entender algo e ao dar a entender algo, simultaneamente promovem a coordenação dos planos de acção das partes envolvidas e contribuem para a revitalização de espaços de acção e disputa. O entendimento é, nessas situações, o mecanismo através do qual os participantes regulam a sua cooperação (capacidade de ler as acções do outro e responder de modo apropriado) e daí a importância de os indivíduos se envolverem nessas propostas que promovem uma vinculação fluida, construída espacial e discursivamente com a comunidade local.

O Teatro Municipal da Guarda e o Teatro Municipal de Faro oferecem-nos exemplos de propostas desta natureza; no primeiro caso, e denotando uma aposta de risco, através da apresentação e divulgação de eventos com repertório alternativo, de projectos internacionais (27% do total de eventos apresentados é de origem estrangeira), da diversidade de públicos contemplados (salienta-se a organização de ateliês no âmbito de ciclos e festivais, exposições, conferências, actividade editorial, visitas guiadas com oficinas e outras actividades destinadas ao público infantil, sénior e excluídos como reclusos e doentes mentais) e do número significativo de produções, em média, quatro por mês (no âmbito dos diferentes festivais de música e do Projéct-, a estrutura de produção teatral própria). O Teatro Municipal de Faro é o equipamento que apresenta o maior número de actividades dinamizadas por um Serviço Educativo (29% do total de eventos realizados), actividades que contemplam espectáculos de música e de teatro, ateliês, visitas encenadas ao teatro, conversas sobre temas ligados às artes de palco dirigidas ao público escolar, familiar e sénior e que resultam de parcerias com agentes culturais locais. Ao tipo de propostas apresentadas devemos acrescentar o facto de o percurso dos responsáveis pela programação destes dois equipamentos passar pelo campo cultural, o que lhes dá uma posição privilegiada para organizar a actividade do equipamento de forma participativa.

É neste tipo de propostas que se cumpre o vector da democratização: a programação caracteriza-se por uma oferta diversificada e os espaços são vividos e incorporados na experiência da população como espaços sociais que proporcionam uma posse pública desses espaços que assim medeia a subsequente produção social de conflitos e negociações.

Assim sendo, o Teatro Municipal da Guarda e o Teatro Municipal de Faro cumprem a missão de toda e qualquer organização cultural ao recuperar a experiência colectiva do espaço público e por isso os consideramos como 'contra-instituições', recuperando a expressão de Habermas, geradas de dentro do Mundo da Vida para travar a dinâmica própria dos sistemas de acção económico e político-administrativo. É através de exemplos desta natureza que emerge o primado da cultura como negociação, como lugar onde se recria a esfera pública e se questiona a nossa posição no mundo e de onde a sociedade, equacionada como o aglomerado de comportamentos cooperativos desenvolvidos pelos seus membros, sai reforçada!

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER/Max, *Dialéctica do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos* (or. *Dialektik der Aufklärung – Philosophische Fragmente*), Zahar, Rio de Janeiro, 1985 (1944).

BARRIGA, Sara; SILVA, Susana Gomes da (coord.), *Serviços Educativos na Cultura*, Sete Pés, Porto, 2007.

BECKER, Howard S., *A New Art Form: Hypertext Fiction* em SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), *Cultura & Economia, Actas do Colóquio Realizado em Lisboa*, 9-11 de Novembro de 1994, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1995, pp. 67-81.

Art Worlds, University of California Press, Berkeley and Los Angeles, 1982.

Arte como Acção Colectiva em Uma Teoria da Acção Colectiva, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1997 (1974), pp. 205-225.

BOURDIEU, Pierre, *As Regras da Arte, Génese e Estrutura do Campo Literário* (or. *Les Règles de L'Art, Genèse et Structure du Champ Littéraire*), Editorial Presença, Lisboa, 1996 (1992).

O Poder Simbólico, Difel, Lisboa, 1989.

Questões de Sociologia (or. *Questions de Sociologie*), Fim de Século, Lisboa, 2003 (1984).

Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste (or. *La Distinction: Critique Sociale du Judgement*), Routledge, London, 2006 (1979).

Reproduction: in Culture, Education, Society, Sage, Beverly Hills, 1977.

Un Arte Medio, Ensaio sobre los Usos Sociales de la Fotografía, (or. *Un Art Moyen. Essai sur les Usages Sociaux de la Photographie*), Gustavo Gili, Barcelona, 2003 (1965).

BOURDIEU, Pierre; HAACKE, Hans, *Free Exchange* (or. *Libre-Échange*), Polity Press, London, 2005 (1994).

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc J. D., *La Logique des Champ em Réponses: Pour une Anthropologie Réflexive*, Seuil, Paris, 1992, pp. 71-89.

BOVONE, Laura, *Os Novos Intermediários Culturais, Considerações sobre a Cultura Pós-moderna* em FORTUNA, Carlos, *Cidade, Cultura e Globalização*, Celta, Oeiras, 2001 (1997), pp. 105-120.

CARRILHO, Manuel Maria, *A Cultura no Coração da Política*, Ed. Notícias, Lisboa, 2001.

Hipóteses de Cultura, Ed. Presença, Lisboa, 1999.

Jogos de Racionalidade, Ed. Asa, Porto, 1994.

CONDE, Idalina, *Contextos, Culturas, Identidades* em VIEGAS, José Manuel Leite; COSTA, António Firmino da (orgs.), *Portugal: que Modernidade?*, Celta, Oeiras, 1998, pp. 79-118.

COSTA, Alexandre, "Teatros Sem Rede" em *Jornal Expresso*, 7 de Fevereiro 2004, pp. 16-21.

COSTA, Isabel Alves, *Rivoli, 1989-2006*, Ed. Afrontamento, Porto, 2008.

A Vocação Formadora e Experimental de um Teatro Municipal em DOMINGUES, Álvaro; SILVA, Isabel; LOPES, João Teixeira; SEMEDO, Alice (orgs.), *A Cultura em Acção, Impactos Sociais e Território*, Ed. Afrontamento, Porto, 2003, pp. 97-104.

DEPUTTER, Mark, "O que é um Teatro Municipal?" em *Le Monde Diplomatique*, Ed. Portuguesa de Outubro 2009, nº 36, p. 24.

HABERMAS, Jürgen, "Public Space and Political Public Sphere – the Biographical Roots of Two Motifs in my Thought", *Commemorative Lecture*, Kyoto, 2004.

Acción Comunicativa y Razón Sin Transcendencia (or. *Kommunikatives Handeln und Detranszendentalisierte Vernunft*), Paidós, Barcelona, 2002 (2001).

Racionalidade e Comunicação (or. *On the Pragmatics of Communication*), Edições 70, Lisboa, 2002 (1996).

Facticidad y Validez (or. *Faktizität und Geltung*), Trotta, Madrid, 2005 (1992).

O Discurso Filosófico da Modernidade (or. *Der Philosophische Diskurs der Moderne*), Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1998 (1985).

La Lógica de las Ciencias Sociales (or. *Zur Logik der Sozialwissenschaften*), Ed. Tecnos, Madrid, 1996 (1982a).

"The Entwinement of Myth and Enlightenment: Re-reading Dialectic of Enlightenment" em *New German Critique*, 26, 1982b, pp. 13-30.

Teoría de la Acción Comunicativa, (or. *Theorie des Kommunikativen Handelns*), 2 vols., Taurus, Madrid, 2003 (1981a).

"Modernity versus Postmodernity" em *New German Critique*, 22, Winter, 1981b, pp. 3-14.

"Consciousness-Raising or Redemptive Criticism – The Contemporaneity of Walter Benjamin" em *New German Critique*, 17, Spring, 1979, pp. 30-59.

Problemas de Legitimación en el Capitalismo Tardío (or. Legitimationsprobleme im Spätkapitalismus), Cátedra, Madrid, 1999 (1973).

“The Public Sphere: An Encyclopedia Article” em *New German Critique*, 3, Fall, 1964, pp. 49-55.

Mudança Estrutural da Esfera Pública (or. Strukturwandel der Öffentlichkeit), Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1984 (1962).

MADEIRA, Cláudia, *Novos Notáveis, Os Programadores Culturais*, Celta, Oeiras, 2002.

MEAD, George Herbert, *Espírito, Persona y Sociedad, Desde el Punto de Vista del Conductismo Social* (or. *Mind, Self and Society, From the Standpoint of a Social Behaviorist*), Paidós, Barcelona, 1999 (1934).

NADAIS, Inês, “Programar no Interior é uma Luta. E a Luta Continua” em *Jornal Público*, Suplemento Ipsilon de 3 Outubro 2008, p. 4-10.

RODRIGUES, Américo, *A Descentralização. A Rede. As Políticas Culturais em AAVV – Quatro Ensaios à Boca de Cena, Para uma Política Teatral e da Programação*, Livros Cotovia, Lisboa, 2009, pp. 65-110.

SILVA, Augusto Santos, “Como Abordar as Políticas Culturais Autárquicas? Uma Hipótese de Roteiro” em *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº 54, CIES – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Lisboa, 2007, pp. 11-33.

As Redes Culturais: Balanço e Perspectivas da Experiência Portuguesa, 1987-2003 em AAVV – Públicos da Cultura, Observatório das Actividades Culturais, Lisboa, 2004, pp. 241-283.

Políticas Culturais Municipais e Animação do Espaço Urbano em SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), *Cultura & Economia, Actas do Colóquio Realizado em Lisboa*, 9-11 de Novembro de 1994, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1995, pp. 253-270.